AGROANALYSIS

GRUPO DE INFORMAÇÃO AGRÍCOLA

VOL. 4 Nº 11 NOVEMBRO DE 1980

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS
INSTITUTO BRASILEIRO DE ECONOMIA

AGROANALYSIS

FUNDAÇAO
GETÚLIO VARGAS

Instituto Brasileiro de Economia

ÍNDICE

Páginas

Análise

Agricultura e
Política Cambial 3

Comentários

Algodão. 9

Avicultura 12

Leite. 16

Panorama Agropecuário

Acompanhamento das
Culturas Temporárias. 18

Preços no Mercado Externo. 23

Preços no Mercado Interno . 25

Preços Relativos 27

NOTA DA EDIÇÃO

Neste início de novembro, o governo anunciou a introdução de modificações fundamentais na sua estratégia econômica: liberação da taxa de juros, eliminação da prefixação das correções monetária e cambial e afrouxamento da política de controle dos preços por parte do CIP.

Este conjunto de medidas não deixará de afetar o setor agrícola. A adoção de uma política de desvalorizações cambiais mais acentuadas, por exemplo, poderá ser especialmente benéfica para os produtores de cacau e café; produtos cuja cotação, no mercado internacional, caiu fortemente nos últimos meses. É pelo menos o que indica um estudo apresentado neste número de **Agroanalysis**, em que são examinados os efeitos da política de prefixação da correção cambial sobre a receita, em cruzeiros, obtida, este ano, com a exportação de nossos principais produtos agrícolas.

Simultaneamente, delineia-se um novo esforço, por parte do governo, no sentido de reduzir, de forma substancial, a massa de subsídios governamentais existentes na economia brasileira, uma vez que a tentativa desenvolvida nessa direção, no ano passado, foi frustrada, devido, em grande parte, à aceleração da taxa de inflação e à prefixação da correção monetária. Nesse capítulo destaca-se a intenção de elevar a taxa de juros do crédito rural, de forma a situá-la em nível mais próximo da inflação interna.

Não resta dúvida de que os subsídios governamentais de toda ordem, financiados na maioria das vezes mediante criação de moeda, constituem-se atualmente numa das principais causas da inflação brasileira. São, além disso, fonte de distorções e privilégios que acabam viciando o cálculo econômico e contribuindo para a concentração da riqueza.

Por isso mesmo, não há como opor-se à redução paulatina

dos subsídios de todo tipo (e não apenas dos que se destinam à produção agrícola) que foram se implantando, ao longo do tempo, na economia brasileira. No caso da agricultura, no entanto, é preciso que a redução dos subsídios seja acompanhada de medidas compensatórias, destinadas a manter uma rentabilidade adequada na atividade agrícola, condição indispensável à continuidade da prioridade que o governo decidiu conferir ao setor.

A alta substancial das taxas de juros do crédito rural, por exemplo, acarretará não só um aumento dos custos de produção mas, também, uma elevação do risco financeiro associado à produção agrícola, o que exigirá modificações nas políticas de preços mínimos e de seguro rural. A política de preços mínimos, sobretudo, precisa transformar-se em instrumento efetivo de amortecimento das fortes flutuações de preços que caracterizam os mercados agrícolas, graças à constituição de estoques reguladores que permitam garantir uma renda adequada aos produtores, principalmente aos que se dedicam às lavouras de abastecimento interno.

Por outro lado, para as lavouras de exportação, na sua maioria culturas de ciclo longo e, por isso mesmo, passíveis de serem mais fortemente afetadas pela elevação das taxas de juros, será preciso assegurar uma política cambial realista e uma comercialização menos sujeita a entraves de toda ordem.

Tudo indica, portanto, que 1981 será, para os agricultores, um ano de adaptação a novas regras do jogo econômico. É fundamental, por isso mesmo, que, no ano que se aproxima, amplie-se o diálogo entre as autoridades responsáveis pelo setor agrícola e os produtores rurais. A credibilidade na prioridade conferida pelo governo ao setor agrícola depende, mais do que nunca, de um acompanhamento adequado das reações do agricultor às medidas anunciadas recentemente pelas autoridades econômicas.

AGRICULTURA E POLÍTICA CAMBIAL

A ANÁLISE DA CONTRAPARTIDA, EM CRUZEIROS, DA EXPORTAÇÃO DE AÇÚCAR, CACAU, CAFÉ E SOJA, AO LONGO DO ANO DE 1980, MOSTRA QUE OS AGRICULTORES QUE SE DEDICAM ÀS PRINCIPAIS LAVOURAS DE EXPORTAÇÃO NÃO CHEGARAM A SE BENEFICIAR COM A DESVALORIZAÇÃO CAMBIAL DE 30% FEITA EM DEZEMBRO DO ANO PASSADO. ISTO PORQUE O EFEITO POSITIVO SOBRE A REMUNERAÇÃO LÍQUIDA DOS EXPORTADORES DE PRODUTOS AGRÍCOLAS FOI RAPIDAMENTE ANULADO PELA ACELERAÇÃO DA INFLAÇÃO INTERNA E PELA PREFIXAÇÃO DA CORREÇÃO CAMBIAL.

O governo anunciou, no início de novembro, o abandono da política de prefixação das correções monetária e cambial. Essa alteração de rumo na estratégia econômica já era esperada por um grande número de analistas, tendo em vista a crescente divergência entre a inflação interna e os percentuais de prefixação estipulados pelo governo, o que vinha minando a poupança interna e comprometendo a competitividade das exportações brasileiras no mercado internacional.

Ao desvalorizar o cruzeiro em 30%, de uma só vez, em dezembro de 1980, o governo brasileiro introduziu uma ruptura na estratégia de minidesvalorizações adotada nos últimos anos. O objetivo era triplo: dar novo estímulo às vendas externas(*), reforçar a caixa do Tesouro Nacional, com a eliminação dos créditos de IPI e ICM concedidos aos exportadores, e conciliar a política de incentivos à exportação com as normas do GATT. A prefixação cambial, por outro lado, ao tentar eliminar as incertezas relativas ao mercado de câmbio, buscava favorecer a captação de empréstimos em moeda estrangeira.

No caso dos produtos primários, essas alterações na política cambial foram complementadas pela introdução de um imposto de exportação, destinado a evitar que os ganhos derivados da maxidesvalorização fossem apropriados pelo importador estrangeiro.

O conjunto dessas medidas, como não poderia deixar de ser, afetou profundamente o setor agrícola exportador. Embora as alíquotas efetivas dos impostos de exportação tenham sido fixadas, como regra geral, abaixo do percentual da maxidesvalorização, os efeitos benéficos sobre a remuneração líquida dos exportadores de produtos agrícolas foram rapidamente reduzidos pela aceleração da inflação interna.

O Quadro 1 mostra que, tomando-se por base a situação imediatamente anterior à maxidesvalorização, a inflação interna, medida pelo Índice Geral de Preços, alcançou a desvalorização cambial no mês de agosto deste ano, anulando, por completo, o

(*) A desvalorização do cruzeiro (30%) superou, em muitos casos, a perda resultante da supressão do crédito fiscal e os projetos inscritos no Befiex continuaram se beneficiando do crédito de ICM e IPI.

Agroanalysis, 4(11): 3-8, novembro/1980

QUADRO 1

Evolução das Cotações do Dólar Americano e do Índice Geral de Preços no Período Novembro/1979-Outubro/1980

Mês e Ano	Cotação do Dólar Americano (*) (em Cr$)	Variação acumulada da desvalorização cambial (em %)	Índice Geral de Preços	Variação acumulada do IGP (em %)
Novembro 1979	31,90	–	263,7	–
Dezembro 1979	42,33	32,7	283,0	7,3
Janeiro 1980	43,69	36,9	300,6	14,0
Fevereiro 1980	45,11	41,4	313,3	18,8
Março 1980	46,60	46,1	333,9	26,6
Abril 1980	48,86	53,2	353,0	33,9
Maio 1980	50,61	58,6	375,5	42,4
Junho 1980	52,11	63,3	397,5	50,7
Julho 1980	53,68	68,3	431,1	63,5
Agosto 1980	55,64	74,4	460,9	74,8
Setembro 1980	57,39	79,9	485,3	84,0
Outubro 1980	60,49	89,6	522,2	98,0

(*) Cotações de compra do dólar americano no último dia de cada mês.

ganho monetário diretamente relacionado com a desvalorização do cruzeiro em 30%.

Todavia, a forte flutuação dos preços no mercado internacional, que caracteriza os produtos agrícolas, pode contribuir para amenizar ou, ao contrário, para acentuar as tendências de uma determinada política cambial. Assim é que, no caso do açúcar e, mais recentemente, da soja, a elevação substancial das cotações no mercado internacional fez com que a contrapartida em cruzeiros obtida com a exportação desses produtos aumentasse significativamente, não obstante a política de prefixação da correção cambial em nível bem inferior ao da taxa de inflação. Com efeito, o preço da tonelada de açúcar demerara, tipo 11, aumentou 175% entre novembro de 1979 e outubro de 1980, enquanto a cotação da tonelada da soja, no mesmo período, experimentou elevação de 26%. Inversamente, registraram-se, desde novembro de 1979, quedas expressivas nos mercados de cacau e café: da ordem de 24% e 41%, respectivamente, o que acentuou o efeito da prefixação cambial no sentido de reduzir o valor, em cruzeiros, derivado da exportação desses produtos.

A seguir, analisa-se o caso de cada um desses quatro produtos que, juntos, representam parcela substancial das exportações agrícolas brasileiras.

AÇÚCAR

O quadro de escassez da oferta mundial de açúcar, registrado a partir do segundo semestre de 1979, fez com que as cotações do produto experimentassem sucessivas elevações no mercado internacional. Os níveis de preços obtidos nos últimos meses do ano passado romperam com um ciclo de baixas cotações, que se vinha estendendo desde o final de 1975.

Ao se converterem as cotações médias da tonelada de açúcar, negociada na bolsa de Nova Iorque, para cruzeiros, constata-se que a cotação real do produto, em outubro deste ano, apresentou uma elevação de 159% sobre o preço alcançado em novembro de 1979. Desta forma, o comportamento dos preços no mercado internacional permitiu um substancial incremento no valor das exportações brasileiras de açúcar.

Apesar da conjuntura altista dos preços do açúcar no mercado internacional, os produtores não foram beneficiados. Conforme demonstra o Quadro 2, os preços pagos ao produtor, pelo IAA, não acompanharam a elevação no mercado externo, sofrendo ainda os efeitos da inflação interna.

QUADRO 2

AÇÚCAR – Cotações no Mercado de Nova Iorque, Resultado em Cruzeiros e Preços Pagos ao Produtor no Período Novembro/1979-Outubro/1980

Mês	Açúcar (1) (US$/t)	Açúcar NY (1º fut.) (Cr$/t)(2)	Preço Pago ao Produtor Açúcar Demerara (Cr$/t)(2)
Nov/79	337,97	20.955,17	12.425,05
Dez/79	354,72	25.748,35	11.577,68
Jan/80	397,05	29.893,68	10.899,82
Fev/80	512,57	38.084,58	10.457,98
Mar/80	488,98	35.380,79	9.812,77
Abr/80	511,91	36.285,74	9.281,83
Mai/80	715,40	49.247,01	12.119,43
Jun/80	759,93	51.000,47	11.923,63
Jul/80	644,85	41.787,55	10.994,30
Ago/80	721,34	44.122,84	10.283,46
Set/80	789,57	47.930,87	9.766,38
Out/80	929,85	54.425,98	12.673,80

(1) Cotação (1º futuro) do açúcar nº 11 (*"raw"*) no mercado de Nova Iorque.
(2) Valor Real. Base out/1980.
NOTA: A taxa cambial utilizada na conversão dos valores de dólares para cruzeiros foi a taxa média em cada um dos meses do período considerado.

CACAU

O caso do cacau é inverso ao do açúcar, pois as cotações da amêndoa, no mercado de Nova Iorque, declinaram fortemente, passando de US$ 2.819,93/t, em novembro de 1979, para US$ 2.157,78/t, em outubro de 1980. A remuneração dos produtores foi afetada, ainda, pela criação de um imposto de exportação, que vigorou até recentemente, e pela divergência crescente entre a inflação interna e a taxa de correção cambial.

Este conjunto de fatores, associado ao rápido crescimento dos custos de produção, resultou em redução da margem de lucro do produtor. O Quadro 3, onde são apresentadas as médias mensais das cotações externas de cacau em amêndoas e sua contrapartida em cruzeiros, ilustra bem este fenômeno. Vale notar, no entanto, que, no período janeiro-agosto de 1980, o resultado líquido, em cruzeiros, foi inferior ao indicado no Quadro 3, em razão da vigência do imposto de exportação.

A queda da remuneração dos produtores é particularmente preocupante no que diz respeito aos agricultores situados nos estratos inferiores de renda. Premidos por dificuldades financeiras, eles poderão sentir-se tentados a vender suas propriedades e abandonar a lavoura, o que produziria efeitos negativos no tocante à concentração da propriedade e à distribuição da renda.

QUADRO 3

CACAU – Cotações no Mercado de Nova Iorque, Resultado em Cruzeiros, Preço Pago ao Produtor e Relação entre o Preço Pago ao Produtor e o Resultado em Cruzeiros no Período Novembro de 1979-Outubro de 1980

Mês	Cacau(1) (US$/t)	Cacau (Cr$/t)(2)	Preço Pago ao Produtor (Cr$/t)(2)	Relação Preço Pago ao Produtor/ Resultado em Cruzeiros
Nov/79	2.819,93	174.844,28	115.795,70	0,66
Dez/79	3.057,38	221.928,53	119.375,29	0,54
Jan/80	3.038,19	228.743,69	126.763,18	0,55
Fev/80	3.142,02	233.455,93	130.751,50	0,56
Mar/80	3.012,39	217.965,41	118.745,52	0,54
Abr/80	2.791,05	197.838,11	113.602,18	0,57
Mai/80	2.458,81	169.260,61	107.961,53	0,64
Jun/80	2.395,10	160.740,10	97.354,29	0,61
Jul/80	2.328,74	150.906,95	98.190,79	0,65
Ago/80	2.183,96	133.588,19	93.636,05	0,70
Set/80	2.262,67	137.355,46	92.886,45	0,68
Out/80	2.157,78	126.299,18	89.936,00	0,71

(1) Cotação (1º futuro) do cacau tipo Bahia no mercado de Nova Iorque.
(2) Valor Real. Base Out/80.
NOTA: A taxa cambial utilizada na conversão dos valores de dólares para cruzeiros foi a taxa média em cada um dos meses do período considerado.

CAFÉ

As cotações internacionais do café apresentaram, este ano, três movimentos principais:

— até fevereiro, declinaram continuamente, em decorrência de diversos fatores, dentre os quais as elevadas vendas efetuadas, no final de 1979, pelo Brasil e por outros dos principais países produtores;

— a partir da segunda quinzena de fevereiro, as cotações retomaram um sentido altista que perdurou até fins de junho. Neste período, as autoridades brasileiras definiram uma estratégia de vendas para o café, que deverá nortear a comercialização externa até o final de 1980. Com base nessa estratégia, o IBC iniciou negociações com torrefadores norte-americanos e europeus, que resultaram na assinatura de contratos de fornecimento, para 1980, no montante de 12,6 milhões de sacas. No mesmo período, os principais torrefadores norte-americanos aumentaram fortemente suas compras em relação às necessidades de consumo. Este fato é indicado pela significativa elevação dos estoques industriais em comparação com o decréscimo do nível mensal de torrefação (ver Agroanalysis, vol. 4, nº 9).

— a partir de junho, as cotações declinaram dia após dia, como resultado de uma manipulação baixista, provavelmente sem precedentes no mercado cafeeiro. Todo esforço de negociação dos países produtores não foi capaz de reverter essa tendência, que ainda hoje vigora no mercado.

Geralmente, os movimentos das cotações internacionais dos produtos agrícolas refletem-se no comportamento dos preços internos. No mercado cafeeiro, no entanto, essa correspondência não é completa e, em tese, pode até ser anulada pela manipulação dos preços institucionais. Isto porque o IBC detêm o poder de estabelecer, por um lado, o preço base para a comercialização externa do café brasileiro, e, por outro, o valor do confisco cambial. Assim, o preço de referência do exportador brasileiro não é a cotação internacional, mas a diferença, convertida em cruzeiros, entre o preço mínimo de registro e o confisco cambial.

Estes parâmetros institucionais são manipulados pelas autoridades cafeeiras em função de suas avaliações relativas ao comportamento futuro do mercado. Assim, pode-se dizer que o café possui, em grande medida, uma taxa de câmbio própria, que nem sempre acompanha as flutuações da política cambial brasileira. Por exemplo, se o cruzeiro acha-se supervalorizado perante as moedas dos de-

QUADRO 4

CAFÉ — Preço Mínimo de Registro, Confisco Cambial e Resultado Líquido em Cruzeiros no Período Novembro/1979-Outubro/1980

Mês	Preço Mínimo de Registro (US$/sc)(1)	Preço Mínimo de Registro - Confisco Cambial (US$/sc)	Preço Mínimo de Registro - Confisco Cambial (Cr$/sc)(2)
Nov/79	270,60	123,60	7.663,51
Dez/79	270,60	123,60	8.927,25
Jan/80	270,60	123,60	9.571,49
Fev/80	241,56	124,13	9.582,55
Mar/80	246,84	145,84	10.930,76
Abr/80	254,76	153,76	11.259,87
Mai/80	261,36	160,36	11.398,24
Jun/80	264,00	161,60	11.397,84
Jul/80	264,00	156,00	10.239,70
Ago/80	264,00	148,00	9.119,98
Set/80	264,00	145,00	8.802,26
Out/80	264,00	140,00	8.185,58

(1) Café tipo 6.
(2) Valor Real. Preços de Outubro/80.
NOTA: A taxa cambial utilizada na conversão dos valores de dólares para cruzeiros foi a taxa média em cada um dos meses do período considerado.

mais países, o que normalmente desestimula as exportações, o IBC pode reduzir o valor do confisco de forma a aumentar a margem recebida pelo exportador e, desse modo, incentivar as vendas de café.

Graças à margem de manobra de que dispõe o IBC, através da administração do confisco cambial, o valor líquido, em cruzeiros, proveniente da exportação de uma saca de café manteve-se praticamente constante entre novembro de 1979 e outubro de 1980 (ver Quadro 4). Esse resultado só foi possível mediante uma redução no confisco de US$ 23,00 por saca exportada. Atualmente, no entanto, a quase totalidade do confisco destina-se a financiar os descontos que são concedidos aos importadores através dos avisos de garantia. Sendo assim, a recente decisão do governo, de eliminar a prefixação da correção cambial, revela-se especialmente oportuna no caso do café.

SOJA

A evolução das cotações da soja em grão, no mercado internacional, em 1980, pode ser dividida em dois períodos. O primeiro, de queda, entre janeiro e junho, tinha, como pano de fundo, o embargo à venda de cereais norte-americanos à URSS, o bom desempenho da safra brasileira e as perspectivas favoráveis com relação à produção dos EUA. A partir de julho, com as primeiras confirmações de quebra da atual safra dos EUA, as cotações internacionais iniciaram um movimento de alta.

Grande parte da safra brasileira é normalmente vendida ao exterior entre março e junho (quase 50%) e apenas uma pequena parcela da produção permanece nas mãos dos agricultores depois desse período. Verifica-se, portanto, pelo Quadro 5 que a queda das cotações internacionais, no primeiro semestre de 1980, reduziu, em grande parte, o impacto favorável que a maxidesvalorização poderia ter tido para os produtores de soja.

A evolução do valor, obtido, em cruzeiros, com a exportação de açúcar, cacau, café e soja, ao longo do ano de 1980, mostrou que os agricultores que se dedicam às lavouras de exportação não chegaram a se beneficiar com a desvalorização cambial de 30% feita em dezembro do ano passado. Ao contrário, no caso do cacau, verificou-se que, a partir do mês de agosto, a política de prefixação cambial, aliada à queda das cotações no mercado internacional, contribuiu para acentuar, mais ainda, a perda dos produtores em relação a novembro de 1979. Não ocorreu o mesmo com o café porque o IBC, através da redução do confisco cambial, procurou preservar a remuneração dos produtores.

É possível, portanto, que a recente eliminação da prefixação da correção cambial, dependendo do grau de aderência das futuras desvalorizações cambiais à inflação interna, ajude a elevar a remuneração dos produtores das principais lavouras de exportação no próximo ano.

QUADRO 5 *SOJA — Cotações no Mercado de Chicago, Imposto de Exportação, Resultado Líquido em Cruzeiros e Preços Pagos ao Produtor no Período Novembro/1979-Outubro/1980*

Mês	Soja(1) (US$/t)	Imposto de Exportação (US$/t)	Cotação - Imposto de Exportação (US$/t)	Cotação - Imposto de Exportação (Cr$/t)(2)	Preços ao Nível do Produtor (Cr$/t)(2)
Nov/79	234,71	–	234,71	14.552,74	13.699,52
Dez/79	235,31	42,36	192,95	14.005,83	12.966,92
Jan/80	227,89	33,96	193,93	14.600,88	12.316,95
Fev/80	234,63	29,21	205,42	15.262,96	12.721,95
Mar/80	221,71	28,82	192,89	13.957,19	12.077,69
Abr/80	213,28	–	213,28	15.117,93	11.438,97
Mai/80	220,82	–	220,82	15.200,90	10.267,28
Jun/80	225,51	–	225,51	15.134,44	11.116,48
Jul/80	264,89	–	264,89	17.165,40	10.008,02
Ago/80	270,47	–	270,47	16.544,08	10.085,37
Set/80	288,93	–	288,93	17.539,51	11.158,50
Out/80	296,56	–	296,56	17.358,25	

(1) Cotação da soja tipo *one yellow* no mercado de Chicago.
(2) Valor Real. Preços de outubro/80.
NOTA: A taxa cambial utilizada na conversão dos valores de dólares para cruzeiros foi a taxa média em cada um dos meses do período considerado.

COMENTÁRIOS

ALGODÃO

De janeiro a outubro deste ano os preços internos do algodão em pluma (base tipo 6) mostraram uma trajetória bastante surpreendente. Seu crescimento superou em mais de 50% a evolução do IPA (Índice de Preços por Atacado) índice que responde por 60% da inflação. As razões que explicam tal comportamento estão associadas à redução na qualidade da safra do Centro-Sul, colhida entre fevereiro e junho, e à seca que atingiu os campos algodoeiros nordestinos, provocando uma quebra de safra da ordem de 40%.

Normalmente, cerca de 67% da produção algodoeira do Centro-Sul do país são compostos pelo tipo 6 e por tipos de melhor qualidade. Este ano, as fortes chuvas ocorridas no início da colheita da safra (fevereiro) reduziram a participação dos tipos superiores para apenas 40%.

Deste modo, como mais de 80% do consumo industrial de algodão em pluma se resumem aos tipos melhores (6 para menos) a situação estatística do mercado apresentar-se-ia bastante precária, não fosse o sucesso obtido pelo setor industrial, conseguindo reduzir o consumo de fibras escassas e aumentar o uso das que possuíam boa disponibilidade (tipos piores) no mercado. Ou seja, graças a adaptações técnicas por parte da indústria, foi possível restringir de 80% para 60% a demanda das melhores fibras de algodão.

A quantificação da situação do mercado, em termos físicos, permite visualizar o processo desenvolvido nos últimos meses. Assim, para uma oferta (estoques iniciais mais produção do Centro-Sul e do Nordeste) de 390 mil t, existia uma demanda potencial de quase 470 mil t. O ajuste técnico ocorrido no consumo das indústrias, porém, fez com que a demanda do setor se reduzisse para 342 mil t minimizando, deste modo, a pressão sobre a oferta. Contudo, a expectativa inicial de escassez no suprimento de fibras de melhor qualidade provocou um salto de 25% nos preços do mês de maio, crescimento este que foi sendo abrandado nos meses seguintes, na medida em que o ajuste no consumo foi surtindo efeito.

Adicionalmente, lançou-se mão de instrumentos de política econômica, com o fito de amenizar as altas das cotações. Durante os meses de junho (a partir da segunda quinzena) e julho, a CFP vendeu uma parcela de algodão pertencente aos seus estoques (AGF) nas Bolsas da Paraíba e de São Paulo. Ao mesmo tempo, pretendendo reduzir o tempo de permanência dos algodões sob EGF, outras medidas foram tomadas. As notas promissórias rurais e as duplicatas mercantis, papéis que visam dilatar o prazo de liqüidação dos EGF's, tiveram seu prazo de vencimento reduzido em trinta dias. Foi também limitado o valor do produto colocado sob EGF em, no máximo, 60% sobre o verificado no ano passado. Além disso, os tipos 6 e melhores seriam contemplados com somente 70% do volume de EGF, contra os 100% concedidos normalmente.

Tais medidas, no entanto, não teriam força suficiente para provocarem um impacto depressivo nos preços ou, mesmo, atenuante de suas elevações, por um período mais longo. Primeiramente, porque os estoques governamentais mal davam para atender 25% do consumo mensal de algodão de melhor qualidade. Além disso, devido à precária disponibilidade de fibras melhores — em termos relativos, a produção dos tipos 6 para menos foi 37% inferior à do ano passado — pouca quantidade deve ter sido colocada sob EGF, reduzindo, deste modo, o raio de ação dos mecanismos acionados.

Adicionando-se a estes dados o fato de que as reavaliações da safra nordestina acusavam decréscimos mês a mês, tem-se como resultado a retomada do ritmo de crescimento das cotações, já a partir de outubro. Está claro que a indefectível especulação atuou decisivamente para a valorização do produto. De fato, mesmo apresentando uma quebra de quase 40% na produção de algodão, a safra nordestina seria suficiente para atender ao novo perfil da demanda, que se foi formando de acordo com a nova constituição do suprimento.

De qualquer forma, o encarecimento do algodão serviu de funda-

mento ao pedido de importação de algodão de qualidade superior, feito ao governo federal pela indústria têxtil. A competitividade externa dos produtos têxteis manufaturados com algodão, que já vinha sendo comprometida pela fraca evolução dos preços internacionais do principal produto de exportação deste setor (fios de algodão) tornou-se ainda mais precária com a elevação real dos preços internos do algodão — um dos principais componentes do custo de produção dos produtos têxteis. O declínio da competitividade do produto brasileiro trouxe ao setor industrial a certeza de que a meta das exportações têxteis previstas para este ano (US$ 1,1 bilhão) estaria comprometida.

A esta altura, porém, é praticamente impossível que as importações cheguem aos portos brasileiros antes do término do ano. Deste modo, o argumento de que elas ajudariam a melhorar a performance das exportações de manufaturados têxteis de algodão, em 1980, cai por terra. Acredita-se, contudo, que pelo fato de já terem sido autorizadas, as importações provocariam um impacto amortecedor nos preços internos. De fato, há mais de um mês que as cotações dos algodões nordestinos, que se encontram em plena época de comercialização, permanecem estáveis, na Bolsa de Mercadorias de São Paulo. Entretanto, como o setor não depende mais de compras internas de algodão para ser transformado e exportado, na forma de manufaturados, ainda este ano, esta estabilidade de preços só produzirá efeitos sobre a competitividade dos têxteis brasileiros no exterior, em 1981.

Assim sendo, o que realmente deve ter motivado o pedido de importação de algodão são os prognósticos da safra vindoura, que prevêem uma situação estatística tão precária como a deste ano, para as fibras de melhor qualidade. A importação do produto estrangeiro objetivaria, então, proteger o merdado, em 1981, de elevações substanciais nos preços internos do algodão.

Ainda que a redução da produção tivesse ocorrido na faixa do tipo 6 e melhores, prevê-se que as fibras importadas seriam dos tipos 5 para menos, mesmo porque foram estas que acusaram maior queda na produção. Além disso, a receptividade ao produto têxtil brasileiro no exterior provém basicamente da confecção de padrões mais finos de algodão e, como a importação seria realizada através do regime de *draw-back* (exportar na forma processada a matéria-prima importada) que isenta de impostos (Imposto de Importação, ICM e IPI) os produtos adquiridos no exterior, a escolha de tipos melhores seria a mais adequada.

Admitindo-se um perfil normal de consumo, a quantidade de tipos 5 e melhores necessária para recompor os estoques seria da ordem de 40 mil t. Contudo, como o objetivo da importação é muito mais o de "esfriar" os preços, estaria sendo cogitado um volume menor, algo entre 20 e 30 mil t.. Como é de interesse do governo federal reduzir ao mínimo os gastos com importações, provavelmente a decisão do volume importado dependerá da receita advinda com a exportação de tipos inferiores, atualmente em abundância no mercado. Neste caso, a quantidade importada de algodão se situaria em torno de 16 mil t e, não, em 20 ou 30 mil t como ventilado.

Pode-se, a título de primeira sondagem, avaliar alguns aspectos relacionados à contratação destas aquisições no exterior. Assim, na atual situação do mercado internacional, os fornecedores mais prováveis de tais importações seriam o México, o Paraguai, ou a Colômbia. Como, na Bolsa de Liverpool, os algodões mexicanos obtém as menores cotações, se o produto importado viesse daquele país, o preço pago oscilaria em torno de US$ 0,98/libra-peso (CIF).

Com relação ao período para a colocação no mercado do produto importado, a escolha deverá recair sobre os meses que vão de janeiro a maio de 1981, a fim de que sua chegada não coincida com a época mais ativa da comercialização do algodão em pluma da região Centro-Sul. Não se descarta, entretanto, a possibilidade deste prazo vir a ser dilatado, se o mercado interno repetir as altas cotações verificadas este ano.

Ao que tudo indica, não de-

QUADRO 1

BRASIL – Algodão Tipo 7/8 – Comparação dos Resultados Econômicos (em Cr$/@), em Outubro de 1980, de Duas Opções: Venda para a CFP (AGF) ou Exportação (Antes e Após a Eliminação do Imposto de Exportação)(1)

Mês	Preço no Mercado	EGF (4% a.m.(2))	Empréstimo particular (4,5% a.m.(3))	Valor atualizado para outubro de 1980	Resultado Econômico		
					AGF	Com o Imposto	Sem o Imposto
	A	B	C	D =A+B+C	(538,05(4)-D)	(857,00(5)-D)	(966,00(6)-D)
Fev/80	648,61	172,18	39,80	860,59	-322,54	-20,59	+105,41
Mar/80	702,50	150,65	57,80	904,95	-366,90	-64,95	+61,05
Abr/80	760,00	129,13	59,80	949,03	-410,98	-109,03	+16,97
Mai/80	867,50	107,61	74,13	1.049,24	-511,19	-209,24	-83,24
Jun/80	828,00	86,08	52,19	966,27	-428,22	-126,27	-0,27
Jul/80	820,00	64,57	38,06	922,63	-384,58	-82,63	+43,37
Ago/80	910,00	43,04	33,47	986,51	-448,46	-146,51	-20,51
Set/80	1.253,60	21,52	32,20	1.307,32	-769,27	-467,32	-341,32
Out/80	1.267,80	–	–	1.267,80	-729,75	-427,80	-301,80

Fonte: Bolsa de Mercadorias de São Paulo (Média Diária das Cotações) e CFP.
(1) 10% sobre o valor FOB.
(2) Sobre o preço mínimo.
(3) Sobre o preço de mercado menos o preço mínimo.
(4) Valor correspondente ao preço mínimo.
(5) Correspondente, em cruzeiros, da cotação de 63 ¢/lb, deduzidas todas as despesas de exportação, inclusive o Imposto.
(6) Correspondente, em cruzeiros, da cotação de 63 ¢/lb, deduzidas todas as despesas de exportação, exceto o Imposto.

verão ocorrer grandes oscilações nas cotações internacionais, nos próximos meses, pois, apesar da expectativa de frustração da safra norte-americana, tanto em termos de quantidade, quanto de qualidade, há um processo de recuo da demanda, em andamento.

Assim sendo, se adicionarmos as despesas de praxe ao valor CIF, o produto importado seria colocado internamente a Cr$ 2.090,00/@ , preço semelhante ao do tipo 5 (sul do Brasil) cotado em 22/10, quase 20% mais barato do que o similar nordestino. Como a comercialização do tipo 5 para melhor se encontra praticamente paralisada, a influência da importação deverá se fazer sentir sobre os tipos mais baixos, inclusive o tipo 6. Até o momento, este algodão vem sendo vendido por um preço 14% menor do que aquele calculado acima para o produto importado e sua cotação deverá permanecer elevada.

Para que o mercado nacional de fibras de qualidade inferior, este ano com relativa abundância de oferta, não se veja afetado pela importação de tipos superiores foi, também, facilitada a exportação das fibras dos tipos 7/8 para pior. Normalmente o consumo destas fibras não chega a corresponder a 2% da demanda total de algodão mas, este ano, as indústrias deverão consumir até 5%. Ainda que tenha sido maior a receptividade do mercado interno, quanto à absorção destes tipos, devido ao ajuste técnico efetuado pelo setor industrial, o excedente exportável desta faixa deverá chegar a 40 mil t.

Contudo, o mercado internacional, provavelmente, não será capaz de absorver todo este volume porque, este ano, a queda de qualidade da safra de alguns países tradicionalmente exportadores — como os EUA - pode direcionar a atenção dos compradores para eles. Além disso, mesmo que seja possível exportar pelo menos a metade do excedente exportável, a maior parte destas vendas fatalmente ocorrerá no próximo ano.

Um importante fator de retardamente das exportações brasileiras foi a expectativa de eliminação do Imposto de Exportação, que incide sobre o produto. No ano passado, por exemplo, até agosto, o país já havia exportado 108 t de algodão, com uma safra total 5% menor do que a atual. De janeiro a agosto deste ano foram colocadas no exterior somente 30 t do produto. A retirada do Imposto, nos últimos dias do mês de outubro, para os tipos 7/8 e piores, ainda que não elimine por completo a gravosidade do produto, poderá revigorar o ânimo dos exportadores.

Na verdade esta será a melhor opção para algodões que não encontrariam suficiente demanda interna para absorver seus excedentes. Findo o prazo de utilização do EGF, o produtor (maquinista) se depararia com duas opções: ou vender o excedente para o governo, ou exportar. Mesmo sem a eliminação do imposto, a alternativa mais favorável seria a de colocar o máximo possível no mercado internacional, pois o prejuízo seria menor. O Quadro 1 ilustra o possível resultado de ambas as opções, antes e depois da retirada do imposto. Este quadro baseia-se na suposição de que o produto adquirido num determinado mês é vendido em outubro, incorrendo em gastos de retenção (encargos financeiros de EGF e juros de mercado). A título de simplificação, admitiu-se que os juros recairiam sobre o valor do empréstimo (preço mínimo, no caso de se tomar emprestado do governo e a direrença entre este e o de mercado, no caso de empréstimo na rede bancária privada). Na verdade, os juros (simples) devem recair sobre o saldo devedor, já que existem liqüidações intermediárias dos empréstimos que não foram consideradas.

Pode-se concluir, então que a eliminação do imposto não representou nenhum incentivo adicional à exportação, pois essa já era a opção mais vantajosa para o beneficiador; significou, apenas, uma redução da perda que poderão sofrer os intermediários que adquiriram algodão a partir do mês de maio.

AVICULTURA

Ao aproximar-se o fim do ano, a avicultura de corte, no Brasil, encontra-se em situação bastante crítica, face aos prejuízos que vêm caracterizando a exploração. Tal crise se ori-

gina da conjugação de altos custos com preços declinantes, em razão da produção elevada e da concorrência da carne bovina, e assume características especialmente graves ao considerar-se que, sazonalmente, a avicultura registra ganhos, no segundo semestre, que lhe possibilitam refazer-se dos duvidosos resultados econômicos que caracterizam o primeiro semestre de cada ano, o que não está ocorrendo.

Esta variação sazonal deriva do fato de a carne avícola ser, em princípio, substituta da bovina, sofrendo, portanto, acirrada concorrência desta na primeira metade do ano e expandindo seu mercado consumidor na entressafra da oferta de carne bovina (segundo semestre).

Este ano, embora os preços recebidos pelos produtores paulistas de frangos. entre julho e setembro, tenham revelado valorização real da ordem de 6%, em igual época de 1978 e 1979 o ganho foi, respectivamente, de 16% e 18%. Contrapondo-se àquela cifra a desvalorização acumulada real de 28,7% ocorrida de janeiro a junho, observa-se que a remuneração recebida pelo produtor de frango, nos nove primeiros meses deste ano, colocou-se abaixo da evolução dos índices inflacionários.

Não resta dúvida de que, este ano, tornou-se mais difícil para a carne avícola concorrer com a bovina, cujo preço ao consumidor começa a refletir a movimentação descendente do ciclo pecuário. Senão, vejamos: de janeiro a junho (período de safra) deste ano, o quilograma da carne bovina, no varejo de São Paulo, acusou desvalorização real de 21,3%, enquanto que, em 1978 e em 1979 (anos de alta do ciclo pecuário) tais quedas foram menos intensas (respectivamente, 0,6% e 10,2%). Sintomaticamente, as variações negativas do preço real no varejo do quilograma do frango, nestas mesmas épocas, foram de 1,9% (1978) e 23,3% (1979) evidenciando quedas mais acentuadas do produto de origem avícola, face à concorrência do produto de origem bovina. Desta maneira, a mencionada queda real do preço recebido pelos avicultores no primeiro semestre deste ano, veio a reboque da desvalorização de 23,3% observada no preço recebido pelos produtores pela arroba do boi gordo em São Paulo na mesma época, agravada pelo fato de a produção do setor avícola de corte encontrar-se bastante elevada.

Entre janeiro e junho deste ano, a produção nacional de matrizes

QUADRO 1

BRASIL — Comercialização Interna de Milho Importado: Entrega Imediata e Futura — de 1º/9 a 3/11/1980

Estados	Entrega Imediata		Entrega Futura	
	t	Cr$/sc 60 kg	t	Cr$/sc 60 kg
Rio Grande do Sul	28.300	595,26	154.980	576,34
Santa Catarina	9.000	609,20	72.000	573,45
Paraná	1.680	620,00	3.360	625,75
São Paulo	32.520	661,71	132.072	596,36
Minas Gerais	480	720,00	3.120	692,83
Espírito Santo	9.000	607,43	34.400	557,39
TOTAL	80.980	626,10	399.932	582,12

Fonte: Bolsa de Cereais de São Paulo.

de corte na avicultura revelou crescimento acumulado de 25,6%, contra 7,6% observados em igual período de 1979. Este expressivo salto (conseqüência da euforia pela qual passou o mercado avícola nos dois últimos anos) determinou, por sua vez, uma projeção de elevado crescimento da produção de pintos para corte para este ano, incluindo a esperada produção nacional recorde de pintinhos, durante o mês de dezembro, de 109,5 milhões de cabeças. É provável, no entanto, que tal projeção de crescimento venha a sofrer redução, uma vez que grandes produtores de pintos industriais encontram-se resolvidos a desacelerar o nível de produção em até 30%. Ao mesmo tempo, a produção mensal de matrizes de corte já denota retração de crescimento (redução de 1,9% entre julho e agosto) fato inédito desde o início do ano.

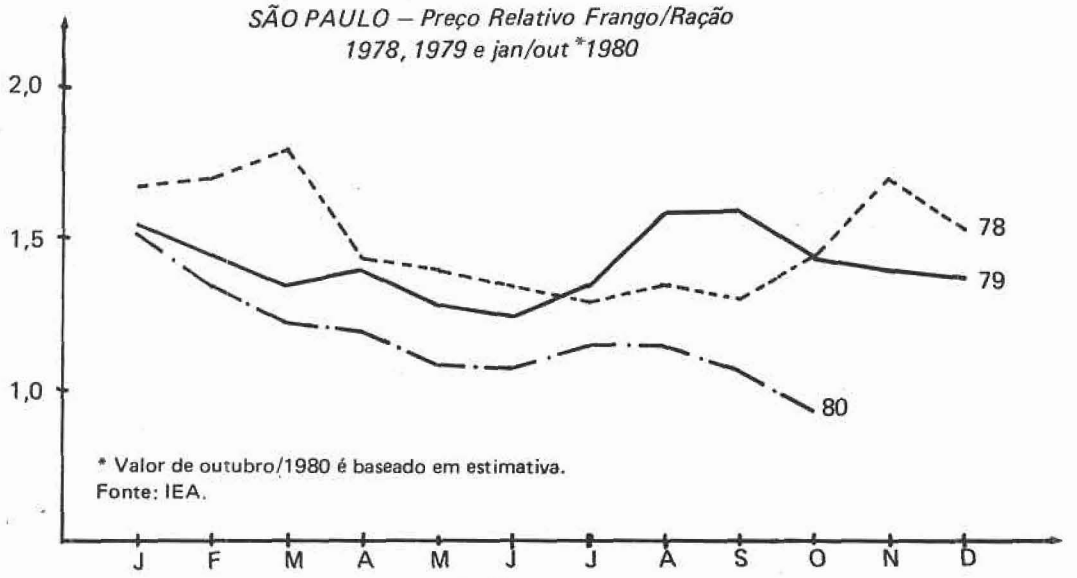
Assim, a redução do nível de atividade seria a primeira providência tomada pelo setor avícola a fim de provocar um maior aquecimento do mercado, já ao final do ano, e resgatar-lhe a lucratividade.

No entanto, a crise atual do setor avícola não decorre tão somente do recrudescimento da concorrência da carne bovina e da excessiva oferta de frangos no mercado. Na verdade, à redução dos preços soma-se a elevação dos custos, afetando sobremaneira o balanço receita/despesa dos avicultores.

A evolução mensal do preço relativo frango/ração, durante os nove primeiros meses deste ano, é o melhor indicador do esvaziamento da lucratividade do setor avícola nacional. Como pode ser apreciado no Quadro 2, a relação entre o preço recebido pelos avicultores paulistas pela ave viva e a média ponderada do preço dos tipos de ração de corte inicial e final (considerando-se o fator de conversão ração/corte de 2,5:1) depois de ligeira recuperação em julho e agosto, novamente voltou a decrescer em setembro. Em 1980, a média do referido preço relativo vem sendo extremamente baixa (1,17) principalmente quando se compara com os resultados obtidos em anos anteriores (ver Quadro 2).

QUADRO 2

SÃO PAULO – Preço Relativo Frango/Ração
*1978, 1979 e jan/out *1980*



* Valor de outubro/1980 é baseado em estimativa.
Fonte: IEA.

Considerando-se que a ração corresponde a 60/70% do custo de produção de 1 quilograma de frango e que o preço do quilo da ração, pago pelos avicultores paulistas, em setembro, foi de Cr$ 14,63, temos que, naquele mês, o custo do quilo da carne avícola seria, a grosso modo, de Cr$ 56,60 : 44,1% a mais do que a média do preço efetivamente recebido pelos avicultores de São Paulo no mês considerado.

Quanto a esta pressão exercida pelos custos, cabe ressaltar, principalmente, as crescentes dificuldades para a aquisição do componente principal das rações — o milho — não só nos aspectos de disponibilidade física mas, também, no desenvolvimento do processo de alta dos preços do cereal.

Face ao inusitado crescimento da demanda (ver Prognóstico da Safra 1980/81, em Agroanalysis, vol. 4 nº 8) a produção interna de milho, este ano, revelou-se insuficiente, sobrevindo, mais uma vez, a solução do recurso às compras externas do produto. No entanto, a aquisição de um volume relativamente expressivo do cereal — 1,2 milhão de t, até o momento — não foi suficiente para abastecer o mercado e coibir a notória especulação. Esta situação decorre da demora da chegada do produto importado, cujas desovas se mostraram bastante tímidas para corresponderem à demanda dos segmentos consumidores.

Desde o começo dos pregões iniciais na Bolsa de Cereais de São Paulo, em setembro, até o princípio de novembro, foram comercializadas tão somente 81 mil t para entrega imediata, enquanto que, para entrega futura (de novembro até a primeira quinzena de janeiro próximo) o volume alcançou a cifra de 400 mil t (ver Quadro 1). A insignificância das vendas para entrega imediata não poderia, de forma alguma, conter a alta dos preços de mercado, o que explica o fato de, no período considerado, a evolução do preço do milho de origem nacional ter apresentado níveis bem acima dos índices inflacionários (ver Quadro 3).

Em suma, a perspectiva de curto prazo para o setor avícola nacional não se coloca como das mais alvissareiras. Pelo lado da concorrência da carne bovina, a tendência será de que ela se torne cada vez mais acirrada, à medida em que se aproxima o período de intensificação do abate de bovinos. Para o próximo ano, será inevitável o aumento da concorrência à medida em que se acentuem as perspectivas de início de um novo ciclo pecuário de preços em baixa.

Também os custos deverão continuar em alta, não só devido à expectativa de continuação do processo inflacionário, sobre a economia como um todo, como também devido ao fato de a entrada da próxima safra de milho nacional só vir a se dar a partir de fevereiro de 1981.

E, finalmente, do lado da oferta de aves, não parece provável que as medidas recessivas que vêm sendo anunciadas pelo setor venham a significar impacto sobre o mercado consumidor antes do final do ano. E, embora as vendas de aves devam sofrer agilização à época das festas de fim de ano, tal ocorrência, por sua atuação meramente de curtís-

QUADRO 3

SÃO PAULO — Preços Médios do Milho no Mercado Atacadista, em Cr$/sc 60 kg

Mês	Preço	Incremento (%)
Agosto	466,43	—
Setembro	507,73	8,9
Outubro	693,04	36,5
1-7 Novembro	810,00	16,9

Fonte: Bolsa de Cereais de São Paulo.

simo prazo, não deverá ter efeitos expressivos sobre o nível da rentabilidade da produção avícola em 1980.

LEITE

Excetuando-se anormalidades climáticas, tais como o atraso das chuvas neste final de ano ou a ocorrência de geadas no início do proximo inverno, o comportamento da produção leiteira dependerá do estímulo proporcionado pelos preços, quando de seu reajuste em nível de produtor e, também, da evolução do preço relativo carne/leite.

Regiões que concentram rebanhos especializados para leite respondem principalmente ao primeiro fator, enquanto nas regiões de pecuária mista influi também o comportamento do mercado de carne bovina. Acredita-se, ainda, que a reativação das linhas de crédito para o setor venha influir positivamente na produção, cuja insuficiência tem ocasionado constantes problemas no abastecimento.

O mercado de carne bovina, ao entrar na fase de desaceleração de preços, em termos reais, contribuirá para uma redução na relação de preços carne/leite. Esta relação cresceu, no período de 1977 a 1979, em termos médios, de 4,96 para 9,38. No entanto, em julho de 1980, ela caiu para 6,4. Com a entrada da safra de boi gordo, a estabilidade ou, mesmo, a queda dos preços da carne bovina e os reajustes do preço do leite poderão modificar o preço relativo de tal forma que a pecuária mista seja incentivada a ofertar mais leite.

Em abril de 1980, através de entendimentos entre o setor produtivo e as autoridades governamentais, o mercado de leite pasteurizado passou por nova tipificação que, basicamente, buscava reduzir ou, até mesmo, eliminar, a oferta de leite tipo C magro (2% de gordura) provinda da produção nacional. Atualmente esse tipo está restrito apenas ao resultado da reidratação do leite em pó importado, não mais provindo do emagrecimento de 30% do volume de leite produzido internamente. Tal estratégia possibilitou a oferta de um produto de melhor qualidade (o antigo leite C, hoje "especial"), porém a preços majorados. Ao produtor coube uma melhor remuneração, na medida em que o preço fixado representava um adicional de 30,1%, em termos reais, sobre o nível vigente um ano antes, em abril de 1979.

No entanto, tal reajuste foi promovido com a safra em andamento, já na sua metade final. Percebe-se, assim, a importância do momento em que se concede o reajuste do preço ao produtor. A safra que se iniciou em novembro, ante as incertezas de quanto estaria o litro de leite após o reajuste, não apresentou um volume de produção satisfatório, frustrando a intenção de promover estoques de 50 mil toneladas de leite em pó, estrangulando o abastecimento e onerando a balança comercial com importações.

Alguns números atestam o decréscimo da produção, como os dados do Instituto de Economia Agrícola, para o estado de São Paulo. O volume de leite produzido naquele estado decresceu 2,4%, comparando-se o período entre novembro de 1979 e junho de 1980 com igual período de um ano antes. De outras regiões leiteiras temos, como indicação, uma queda de cerca de 10%, no primeiro semestre de 1980, comparado a igual período no ano anterior, nas entregas de duas das maiores cooperativas do sul de Minas à Central de São Paulo.

A determinação, agora, de reajustes parcelados, em outubro e janeiro, é um ponto favorável para uma melhor remuneração média ao longo da safra, dependendo dos percentuais dos referidos reajustes. Ao que parece, pelo menos parte da representação dos produtores recebeu razoavelmente bem a cifra do reajuste de outubro (23,1%, passando o litro a Cr$ 16,00). Atualmente, os produtores desejam discutir o percentual de janeiro, estipulado em 12,5%, que levaria o litro a Cr$ 18,00. Nesse mesmo clima de entendimento, os produtores de leite B promoveram gestões junto às autoridades governamentais para mostrarem

a diferença tecnológica de se produzir tal tipo, que justificaria um preço acima do recebido pelo tipo especial. Com os novos aumentos, o preço do leite B ao produtor situa-se agora em Cr$ 18,50 e passará a Cr$ 21,00 em janeiro.

O reajuste do mês passado recoloca a remuneração do produtor no nível atingido em abril, que se acha acima daqueles alcançados nos dois anos anteriores, como mostra o Quadro 1.

No entanto, uma avaliação correta da rentabilidade da produção só seria possível mediante a existência de levantamentos de custos de produção para as diversas bacias leiteiras. Dos poucos dados existentes, o Instituto de Economia Agrícola (SP) realiza, anualmente, a Estimativa de Custo Operacional, para o caso do leite, com dados coletados no Vale do Paraíba. Na temporada 1980/81, utilizando dados de meados de 1980, o custo operacional por litro de leite foi estimado em Cr$ 14,42 para o leite C e Cr$ 17,90 para o leite B, aproximando-se, portanto, do preço recebido atualmente. Na composição desse custo, o item *alimento animal comprado fora da propriedade* (rações) participa com cerca de 40% do custo operacional, o que pode não ocorrer em outras regiões, onde uma utilização mais intensiva de alimentos produzidos na propriedade poderia afetar sensivelmente a estrutura do custo.

QUADRO 1

BRASIL: Preços Reais[1] Recebidos pelos Produtores de Leite C, nas Épocas de Reajustes (em Cr$/litro)

1978		1979		1980	
abr.	out.	abr.	out.	abr.	out.
14,36	13,20	12,38	12,23	16,11	16,00*

(1) Valores corrigidos para setembro de 1980, pelo IGP, col. 2
* Valor nominal.
FONTE DOS DADOS BRUTOS: SUNAB.

PANORAMA AGROPECUÁRIO

ACOMPANHAMENTO DAS CULTURAS TEMPORÁRIAS

ALGODÃO

CENTRO-SUL

Início da colheita: fevereiro/março
Pico da safra: abril
Produção prevista: 1,25 a 1,29 milhão de t
Produção da safra 1979/80: 1,24 milhão de t
Maior produção alcançada anteriormente: 1,675 milhão de t, na safra 1971/72
Causas da variação na produção: possibilidade de ampliação da área cultivada, em até 6%
Estágio atual da lavoura: fase de plantio
Fatores críticos neste estágio: estiagem prolongada

SITUAÇÃO NOS ESTADOS

PARANÁ

Variação na área: -3% a +2%
Produção prevista: 556 a 584,8 mil t (mais provável obter-se o limite inferior)
Safra anterior: 567 mil t
Causas da variação na produção: redução de área, principalmente devido à cessão ao milho, deverá superar o leve incremento previsto na produtividade (1%)
Estágio atual da lavoura: fase final de plantio. Informações obtidas revelam que, até meados de outubro, 95% da área estavam preparados e 70% com plantio já terminado.
Rendimento médio: 1.700 kg/ha
Preço médio ao produtor: –
Obs.: Houve algum replantio no fim de outubro mas isto não deverá prejudicar a produtividade, uma vez que tal fato ocorreu ainda no período considerado o mais propício para o plantio da malvácea (até 31/10)

SÃO PAULO

Variação na área: estabilidade ou aumento de até 5%
Produção prevista: 483 a 491 mil t
Safra anterior: 474 mil t
Causas da variação na produção: elevação na produtividade (+1,9%) e aumento de área
Estágio atual da lavoura: em fase de plantio. As informações obtidas revelam que até meados de outubro, 95% do solo estavam preparados e 25% com o plantio já terminado.
Rendimento médio: 1.700 kg/ha
Preço médio ao produtor: –
Obs.: Ribeirão Preto e Campinas, principais regiões produtoras de algodão do estado deverão apresentar redução de área em favor da cana-de-açúcar.

MINAS GERAIS

Variação na área: +15 a 20%
Produção prevista: 78 a 81 mil t
Safra anterior: 67,5 mil t
Causas da variação na produção: elevação de área principalmente em função do deslocamento da soja para o cerrado.

Estágio atual da lavoura: início de plantio. Até 18 de outubro as informações disponíveis revelavam que 90% da área já estavam preparados.
Rendimento médio: 750 kg/ha
Preço médio ao produtor: –
Obs.: A falta de chuva atrasou um pouco o plantio. Contudo, acredita-se que a produtividade não deve ser muito afetada, pois as chuvas que ora ocorrem restituem bastante umidade ao solo.

GOIÁS

Variação na área: +5 a 8%
Produção prevista: 59,4 a 61,2 mil t
Safra anterior: 61,6 mil t
Causas da variação na produção: redução prevista na produtividade (-8,3%) é superior ao aumento esperado de área
Estágio atual da lavoura: até fins de outubro, 10 a 20% da área prevista já haviam sido plantados.
Rendimento médio: 1.800 kg/ha
Preço médio ao produtor: –
Obs.: A estiagem ocorrida durante a segunda quinzena de outubro, retardou um pouco a semeadura. Contudo, não há previsão de que isto reduza sensivelmente a produtividade esperada. A queda da produtividade significa uma volta aos níveis de rendimentos históricos do estado. O cultivo se estaria expandindo em áreas de soja e milho.

ACOMPANHAMENTO DAS CULTURAS TEMPORÁRIAS

ARROZ

CENTRO-SUL

Início da colheita: fevereiro
Pico da safra: março/abril
Produção prevista: 9,3 a 9,9 milhões de t
Produção da safra 1979/80: 9,6 milhões de t
Maior produção alcançada anteriormente: a safra 1979/80 constituiu-se em novo recorde
Causas da variação na produção: indefinição quanto à extensão dos arrozais no atual plantio, em função da expansão do milho e de atrasos na semeadura sugere a possibilidade de repetição da produção de 1979/80.
Estágio atual da lavoura: plantio
Fatores críticos neste estágio: chuvas poderão retardar mais ainda operações de plantio em diversas regiões.

SITUAÇÃO NOS ESTADOS

GOIÁS

Variação na área: –
Produção prevista: sequeiro: 1,239 milhão de t; irrigado: 39,12 mil t; total: 1,298 milhão de t
Safra anterior: 1,304 milhão de t
Causas da variação na produção: provável manutenção da área, com menor produtividade, devido ao atraso no plantio e à irregularidade das chuvas
Estágio atual da lavoura: plantio
Rendimento médio: sequeiro: 1.050 kg/ha; irrigado: 3.260 kg/ha
Preço médio ao produtor: –
Obs.: caso faltem chuvas, as lavouras de milho, que tiveram grande expansão, no estado, poderão ceder lugar ao arroz ou à soja.

MARANHÃO

Variação na área: +5 a 10%
Produção prevista: 1,5 milhão de t
Safra anterior: 1.281.316 t
Causas da variação na produção: expansão da área de cultivo e recuperação da produtividade
Estágio atual da lavoura: finalizando o pré-plantio e iniciando a semeadura no sul do estado (5% da área)
Rendimento médio: esperam-se 1.500 kg/ha, contra 1.296 kg/ha em 1979/80
Preço médio ao produtor: –
Obs.: o plantio no estado vai até o mês de fevereiro, sendo janeiro o período de pico das atividades de semeadura.

PARANÁ

Variação na área: -11%
Produção prevista: 630 mil t
Safra anterior: 638 mil t
Causas da variação na produção: redução na área cultivada
Estágio atual da lavoura: 80% do plantio terminados
Rendimento médio: 1.800 kg/ha
Preço médio ao produtor: –

RIO GRANDE DO SUL

Variação na área: 0 a +5%
Produção prevista: 2,259 a 2,370 milhões de t
Safra anterior: 2,257 milhões de t
Causas da variação na produção: ampliação da área cultivada
Estágio atual da lavoura: plantio
Rendimento médio: 3.600 a 3.800 kg/ha
Preço médio ao produtor: –

ACOMPANHAMENTO DAS CULTURAS TEMPORÁRIAS

FEIJÃO

SAFRA DA SECA

Início da colheita: Final de novembro no Centro-Sul. A partir de janeiro na Bahia* e em Minas Gerais
Pico da safra: Dezembro/janeiro
Produção prevista: a CFP avalia a produção entre 1,3 e 1,4 milhão de t
Produção da safra 1979/80: 1 milhão de t
Maior produção alcançada anteriormente: 2.676.225 t (em 1972, produção referente às duas safras do ano)
Causas da variação da produção: Expectativa de obtenção de rendimento médio 45% superior ao da safra das águas 1979/80
Estágio atual da lavoura: Dependendo da região, desde o preparo do solo e plantio (Bahia*) até o início da colheita do feijão precoce (Paraná)
* Ver "Obs." no acompanhamento específico do estado.

SITUAÇÃO NOS ESTADOS

BAHIA

Variação na área: +18%
Produção prevista: 218,7 mil t
Safra anterior: 208 mil t
Causas da variação na produção: aumento da área plantada
Estágio atual da lavoura: aguardam-se as chuvas para se dar início ao plantio
Rendimento médio: 600 kg/ha
Preço médio ao produtor: –
Obs.: restiagem vem atrasando o plantio, que já deveria estar quase concluído.

MINAS GERAIS

Variação na área: +11%
Produção prevista: 131,25 mil t a 141,75 mil t
Safra anterior: 123 mil t
Causas da variação na produção: expansão da área cultivada
Estágio atual da lavoura: final de plantio
Rendimento médio: 525 kg/ha
Preço Médio ao produtor: –

PARANÁ

Variação na área: +4%
Produção prevista: 480/555 mil t
Safra anterior: 370 mil t
Causas da variação na produção: aumento da área plantada e expectativa de aumento de 20% no rendimento médio da lavoura no estado
Estágio atual da lavoura: desenvolvimento da cultura e início da colheita do feijão precoce
Rendimento médio: 677 kg/ha
Preço médio ao produtor: –

RIO GRANDE DO SUL

Variação na área: +10%
Produção prevista: 105 a 112 mil t
Safra anterior: 56,2 mil t
Causas da variação na produção: aumento da área plantada e expectativa de aumento do rendimento médio
Estágio atual da lavoura: desenvolvimento vegetativo
Rendimento médio: 700 kg/ha
Preço médio ao produtor: –

SANTA CATARINA

Variação na área: +15%
Produção prevista: 171 mil t
Safra anterior: 88 mil t
Causas da variação na produção: aumento da área plantada e expectativa de aumento do rendimento médio
Estágio atual da lavoura: desenvolvimento da cultura
Rendimento médio: 900 kg/ha
Preço médio ao produtor: –

SÃO PAULO

Variação na área: +36%
Produção prevista: 132,85 mil t/ 159,42 mil t
Safra anterior: 123 mil t
Causas da variação na produção: aumento da área plantada
Estágio atual da lavoura: colheita
Rendimento médio: 500 a 600 kg/ha
Preço médio ao produtor: de Cr$ 4.000,00 a Cr$ 5.000,00/saca 60 kg (preço do primeiro feijão a ser colhido)

ACOMPANHAMENTO DAS CULTURAS TEMPORÁRIAS

MILHO

CENTRO-SUL

Início da colheita: fevereiro
Pico da safra: maio/junho
Produção prevista: 24,5 milhões de t (22,3–23,4 milhões de t na região Centro-Sul)
Produção da safra 1979/80: 20,2 milhões de t, segundo a CFP
Maior produção alcançada anteriormente: 20,2 milhões de t
Causas da variação da produção: incremento na área semeada
Estágio atual da lavoura: plantio e tratos culturais
Fatores críticos neste estágio: carência de chuvas

SITUAÇÃO NOS ESTADOS

PARANÁ

Variação na área: +10 a 15%
Produção prevista: 5,96 a 6,23 milhões de t
Causas da variação na produção: expressiva ampliação de área e produtividade crescente
Estágio atual da lavoura: plantio e tratos culturais
Rendimento médio previsto: 2.500 kg/ha
Preço médio ao produtor: –

RIO GRANDE DO SUL

Variação na área: +15 a 20%
Produção prevista: 3,75 a 3,92 milhões de t
Causas da variação na produção: forte ampliação da área; ligeiro aumento de produtividade
Estágio atual da lavoura: plantio e tratos culturais
Rendimento médio: 1.750 kg/ha
Preço médio ao produtor: –

MINAS GERAIS

Variação na área: +10 a 15%
Produção prevista: 3,51 a 3,67 milhões de t
Causas da variação na produção: aumento da área e da produtividade
Estágio atual da lavoura: plantio e tratos culturais
Rendimento médio: 1.800 kg/ha
Preço médio ao produtor: –

SANTA CATARINA

Variação na área: +5 a 10%
Produção prevista: 3,14 a 3,29 milhões de t
Causas da variação na produção: elevação da área e crescimento estimado em 4% da produtividade
Estágio atual da lavoura: plantio e tratos culturais
Rendimento médio: 2.600 kg/ha
Preço médio ao produtor: –

SÃO PAULO

Variação na área: +15 a 20%
Produção prevista: 2,97 a 3,10 milhões de t
Causas da variação na produção: acentuada ampliação da área e ligeiro aumento da produtividade
Estágio atual da lavoura: plantio e tratos culturais
Rendimento médio: 2.400 kg/ha
Preço médio ao produtor: –

GOIÁS

Variação na área: +16 a 21%
Produção prevista: 2,05 a 2,14 milhões de t
Causas da variação na produção: aumento da área semeada
Estágio atual da lavoura: plantio
Rendimento médio: 2.200 kg/ha
Preço médio ao produtor: –

ACOMPANHAMENTO DAS CULTURAS TEMPORÁRIAS

SOJA

CENTRO-SUL

Início da colheita: março
Pico da safra: abril/maio
Produção prevista: 14,9/15,8 milhões de t
Produção da safra 1979/80: 14,9 milhões de t
Maior produção alcançada anteriormente: 14,9 milhões de t na safra 1979/80
Causas da variação na produção: –
Estágio atual da lavoura: plantio
Fatores críticos neste estágio: possível falta de chuvas

SITUAÇÃO NOS ESTADOS

RIO GRANDE DO SUL

Variação na área: -2%
Produção prevista: 6 milhões de t
Safra anterior: 5,58 milhões de t
Causas da variação na produção: recuperação do nível normal de produtividade.
Estágio atual da lavoura: início de plantio.
Rendimento médio: 1.550 kg/ha
Preço médio ao produtor: –

PARANÁ

Variação na área: -3%
Produção prevista: 5,25 milhões de t
Safra anterior: 5,4 milhões de t
Causas da variação na produção: pequena redução de área em função da concorrência da cana-de-açúcar, no norte do estado.
Estágio atual da lavoura: plantio.
Rendimento médio: 2.200 kg/ha
Preço médio ao produtor: –

MATO GROSSO DO SUL

Variação na área: +19%
Produção prevista: 1,63 milhão de t
Safra anterior: 1,37 milhão de t
Causas da variação na produção: aumento da área plantada
Estágio atual da lavoura: plantio
Rendimento médio: 1.700 kg/ha
Preço médio ao produtor: –

SÃO PAULO

Variação na área: estima-se que não haverá alteração
Produção prevista: 1,2 milhão de t
Safra anterior: 1,2 milhão de t
Causas da variação na produção: –
Estágio atual da lavoura: plantio
Rendimento médio: 2.150 kg/ha
Preço médio ao produtor: –

DE 16/10 A 29/10

PREÇOS NO MERCADO EXTERNO

GUIA DE LEITURA
Sugere-se que a leitura obedeça a seguinte ordem:
1º – Posição da última quinzena
2º – Comparação percentual com o passado (Posição de um ano antes e Posição de um mês antes)
3º – Comportamento dos futuros
4º – Perspectivas dos próximos 30 dias com seus respectivos fatores ponderáveis.

PREÇO / PRODUTO	Posição real* um ano antes	Posição nominal um mês antes	Posição da última quinzena	Posição Nominal de Futuros 81 jan	81 mar	81 mai	81 jul	81 set	81 nov	82 jan	Perspectivas dos próximos 30 dias	Fatores Ponderáveis
AÇÚCAR RAW MERC.–N.YORK US ¢/lb–peso Fonte: Unicom	-77%	-15%	41,41		+2%				-20%		↘	Notícias de quebra da safra soviética de beterraba favorecem nova alta de preços.
ALGODÃO 1-1/16"M-Memphis MERC.–N.YORK US¢/lb–peso Fonte: Unicom	-17%	0%	88,04		+3%				-5%		↘	Leve recuperação do consumo interno e das exportações norte-americanas. Quebra de safra e piora na qualidade de fibra da produção norte-americana.
CACAU BAHIA MERC.–N.YORK US$/ton. Fonte: Unicom	+56%	+8%	2.086,64 (dez)		+6%				+16%		↗	Especulação deverá atenuar queda das cotações provocadas por vendas brasileiras. Tendência baixista deverá ser reforçada por novas negociações do Acordo Internacional devido aos novos níveis de intervenção (US$ 1.980 – US$ 2.200/t)
CAFÉ SANTOS MERC. – N.YORK US ¢/lb–peso Fonte: Unicom	+90%	+2%	124,85 (dez)		+4%				+6%		→	Fundamentos do mercado permanecem inalterados. As pequenas quedas verificadas esta semana refletem a diminuição das compras de sustentação que vinham ocorrendo.

* **Valores deflacionados pelo IPA norte-americano, do INTERNATIONAL FINANCIAL STATISTICS – FMI; para os preços futuros, usa-se a média ponderada dos deflatores dos últimos três anos.**

As informações e perspectivas aqui apresentadas se baseiam em fontes fidedignas e em cuidadosas análises de cada mercado, cujo grau de precisão e integridade, entretanto, o GIA não pode garantir. Nossas opiniões sobre as perspectivas de mercado são, por sua natureza subjetiva, sujeitas a mudança, independentemente da ocorrência de novos fatores ponderáveis. Sugerimos contato com nossos técnicos para qualquer esclarecimento ou troca de opiniões. (ver 1ª contracapa).

PREÇO / PRODUTO	Posição real* um ano antes	Posição nominal um mês antes	Posição da última quinzena	Posição Nominal de Futuros 81 jan	81 mar	81 mai	81 jul	81 set	81 nov	82 jan	Perspectivas dos próximos 30 dias	Fatores Ponderáveis
MILHO TWO YELLOW MERC. – CHICAGO US ¢/bushel Fonte: Unicom	-12%	-4%	341,80		+7%					+3%	↘	– USDA reavalia, para baixo, os estoques norte-americanos. – EUA faz acordo de quatro anos para venda de 6 a 9 milhões de t de grãos à China.
SOJA - GRÃO ONE YELLOW MERC. – CHICAGO US ¢/bushel Fonte: Unicom	-11%	-4%	820,70		+8%					+1%	↘	Consumo mundial projetado para a oleaginosa e seus derivados deverá reduzir substancialmente os estoques finais.
SOJA FARELO MERC. – CHICAGO US$/T. Fonte: Unicom	-18%	-6%	249,69		+9%					+6%	↘	– Problemas na safra soviética de grãos deverão causar maiores importações por parte daquele país. – Menor produção de girassol na URSS deverá aumentar suas necessidades de farelos proteínicos.
TRIGO SOFT RED MERC. – CHICAGO US ¢/bushel Fonte: Unicom	+1%	-9%	481,63		+10%					+16%	↘	Problemas climáticos tanto na safra argentina quanto na australiana, ao lado de um aumento das compras chinesas, devem manter a tendência altista do mercado.

* Valores deflacionados pelo IPA norte-americano, do INTERNATIONAL FINANCIAL STATISTICS – FMI; para os preços futuros, usa-se a média ponderada dos deflatores dos últimos três anos.

PREÇOS NO MERCADO INTERNO

GUIA DE LEITURA
Sugere-se que a leitura obedeça a seguinte ordem:
1º – Posição da última quinzena
2º – Comparação percentual com o passado (Posição de um ano antes e Posição de um mês antes)
3º – Perspectivas dos próximos 30 dias com seus respectivos fatores ponderáveis.

PREÇO / PRODUTO	Posição real* um ano antes	Posição real * um mês antes	Posição da última quinzena	Perspectivas dos próximos 30 dias	Fatores Ponderáveis
ALGODÃO Tipo 6–Sul do BR MERC. – SP Cr$/15 kg Fonte: Bolsa de Mercadorias de SP	-25%	-11%	1.762,43	↗	Estima-se que o preço de aquisição do produto importado seja superior às atuais cotações do tipo 6 (sul do Brasil). Neste caso o mercado poderá permanecer em alta até que alcance a paridade.
ARROZ Amarelão-Est.Cen. MERC.–SP Cr$/sc. 60 kg Fonte: Bolsa de Cereais de SP	+16%	-4%	1.650,00	→	– Possível ocorrência de altas associadas aos prazos de vencimento e contratação de NPR's e de duplicatas mercantis. – Mercado abastecido.
CAFÉ Tipo 7/8 MERC. – RJ Cr$/sc 60 kg Fonte:Cent. do Com. de Café do RJ	+19%	+7%	4.900,00	↘	Pequena demanda por parte dos exportadores e a frustração decorrente das medidas de apoio governamental ao setor, vêm provocando pequenas quedas nas cotações.
BOI GORDO – MERC.–Pres.Prud. Cr$/arroba Fonte: IEA–SP	+14%	-10%	1.800,00	→	Estabilidade das cotações à entrada da safra.

*** Valores deflacionados pelo IGP, col. 2, CONJUNTURA ECONÔMICA – FGV**

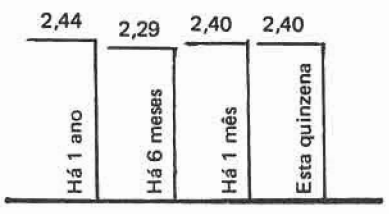
As informações e perspectivas aqui apresentadas se baseiam em fontes fidedignas e em cuidadosas análises de cada mercado, cujo grau de precisão e integridade, entretanto, o GIA não pode garantir. Nossas opiniões sobre as perspectivas de mercado são, por sua natureza subjetiva, sujeitas a mudança, independentemente da ocorrência de novos fatores ponderáveis. Sugerimos contato com nossos técnicos para qualquer esclarecimento ou troca de opiniões. (ver 1ª contracapa).

PREÇO / PRODUTO	Posição real* um ano antes	Posição real * um mês antes	Posição da última quinzena	Perspectivas dos próximos 30 dias	Fatores Ponderáveis
FEIJÃO Preto Comum MERC. – SP Cr$/sc. 60 kg Fonte: Bolsa de Cereais de SP			Sem cotação	↘	Início da colheita de feijão em Sorocaba (SP) deverá desaquecer cotações no mercado atacadista paulista das variedades de cores.
FRANGO Vivo MERC. – SP Cr$/kg Fonte: APA	+52%	+14%	35,90	→	Setor busca a recuperação das cotações através do descarte prematuro de matrizes e conseqüente desaceleração do crescimento da produção de pintos, mas a oferta elevada de frango ainda deverá permanecer no curto prazo.
MILHO Amarelo Semiduro MERC. – SP Cr$/60 kg Fonte: Bolsa de Cereais de SP	-19%	-18%	737,50	↗	Ritmo de vendas do produto importado é insuficiente para conter a alta dos preços.
SOJA-GRÃO Industrial MERC. – SP Cr$/60 kg Fonte: Bolsa de Cereais de SP	+23%	-9%	835,00	↗	– Recentes elevações das cotações internacionais. – Reduzidas disponibilidades da safra 1980/81.

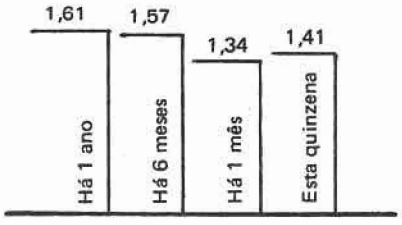
* Valores deflacionados pelo IGP, col. 2, CONJUNTURA ECONÔMICA – FGV

PREÇOS RELATIVOS – MERCADO EXTERNO

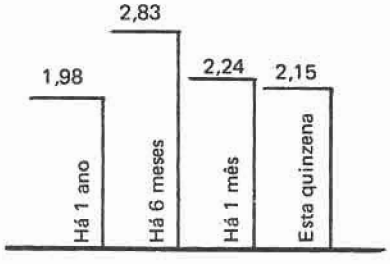
Soja / Milho



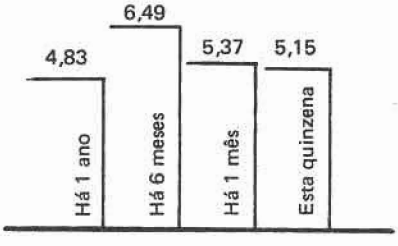
Trigo / Milho



Algodão / Soja



Algodão / Milho

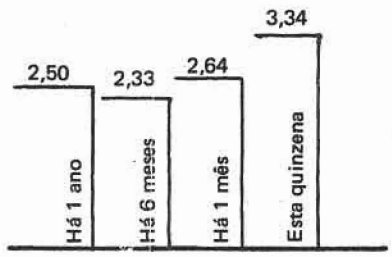


FONTES – Algodão: Reuters, Cotton World Statistics. Soja, Milho e Trigo: Reuters, Commodity Year Book.

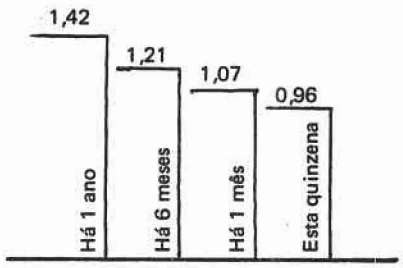
NOTA: O preço relativo soja/milho não se alterou esta quinzena em relação a um mês antes, em razão da alta de 4,4% nas cotações de ambos os produtos no período. No caso da soja, a elevação de seu preço é conseqüência dos malefícios causados pela seca nos EUA ao cultivo da leguminosa e da divulgação de relatório do Departamento de Agricultura dos EUA, que reduziu para 48 milhões de t a estimativa da safra norte-americana do produto. No caso do milho, a alta deve-se não só ao fato de o mesmo Departamento ter reavaliado para menos os estoques norte-americanos do grão como, também, ao acordo para venda à China de 6 a 9 milhões de t do cereal norte-americano. *** Compras chinesas e soviéticas de trigo norte-americano e quebra das safras australiana e argentina do cereal foram responsáveis pelo aumento de 9,8% no preço internacional do trigo nesta quinzena frente ao preço de um mês antes. Tal ocorrência, contraposta à elevação de 4,4% do preço do milho, explica o atual preço relativo trigo/milho, 5,2% superior à relação de preços de há um mês. *** A previsão de redução das demandas interna e externa de algodão norte-americano, aliada à perspectiva de quebra de 20% da safra 1980/81 da fibra naquele país, colocam-se como os fatores responsáveis pela inalterabilidade da cotação do algodão esta quinzena frente à média do mês anterior. Em conseqüência, a queda de 4,0% do preço relativo algodão/soja, no mesmo período, advém integralmente do mencionado ganho do preço da soja. *** Da mesma forma, o preço relativo algodão/milho variou, esta quinzena, em função somente da movimentação do preço do milho, ou seja, decrescendo em 4,1%.

PREÇOS RELATIVOS – MERCADO INTERNO

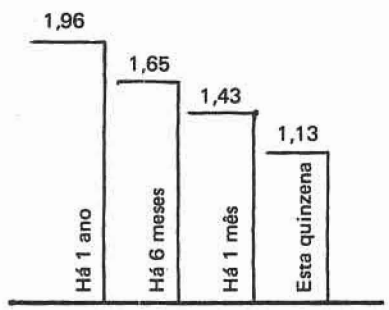
Boi Gordo
Frango Vivo



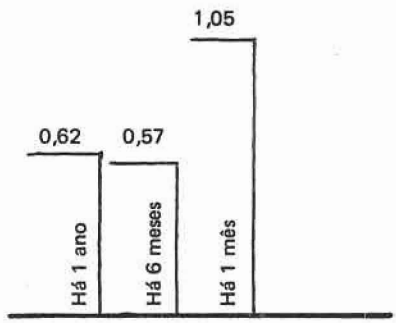
Frango Vivo
Ração Ave Corte



Soja
Milho



Feijão Preto
Feijão a Cores



FONTES – Boi Gordo: IEA-Sec. Agric. SP. Frango Abatido e Ração Ave Corte: IEA-Sec. Agric. SP e APA. Feijão Preto, Feijão a Cores, Soja e Milho: Bolsa de Cereais de SP.

*** A elevada oferta de frangos durante o segundo semestre deste ano (ver comentário de Avicultura) levou à queda nominal do preço da ave (-7,5% esta quinzena, em contraposição ao preço de um mês atrás) a despeito de a entressafra da oferta de bovinos e a conseqüente maior procura por carne de frango sazonalmente permitirem ao mercado avícola a aferição de maiores lucros nesta época. Daí, a elevação de 26,5% no preço relativo boi gordo/frango vivo no período, quando a arroba do boi gordo denotou valorização de 17,3%. Observe-se que a atual relação de preços é 33,6% superior à verificada há um ano. *** A diminuição do preço do frango vivo e o aumento de 3,8% do preço da ração, durante a quinzena, contribuíram para a queda de 10,3% no preço relativo frango vivo/ração, ao se comparar a mais recente posição com a de um mês antes. A movimentação altista do preço deste insumo para a avicultura coloca-se como conseqüência da elevada procura por rações por parte dos avicultores, aliada à pequena oferta de milho no mercado interno. *** Tanto o preço da soja quanto o do milho experimentaram, esta quinzena, elevações frente aos do mês precedente (respectivamente, 15,3% e 45,3%). No caso da soja, tal aquecimento de sua cotação no mercado interno apresenta-se como reflexo da elevação de sua cotação no mercado internacional, onde apresentou aumento de 4,4% no período. A elevada demanda de milho por parte das indústrias de rações (estas, por sua vez, pressionadas pelo setor avícola de corte) aliada à timidez da desova do cereal importado, são as causas da rápida elevação do seu preço. Conseqüentemente, o preço relativo soja/milho desta quinzena encontra-se em patamar 21,0% inferior ao de um mês antes. *** Mais uma vez não se tem, para a quinzena, a relação de preços feijão preto/feijão de cores, dado que o mercado atacadista paulistano não tem apresentado cotações para a variedade feijão preto, ausente devido à expressiva quebra da safra de feijão 1979/80. Espera-se que, à medida em que a colheita da safra das águas, que já teve início, se desenvolva, o feijão preto torne a aparecer no mercado. O feijão de cores prossegue com uma oferta pequena, em confronto com uma demanda elevada em todo o país, o que justifica o aumento de 49,0% havido em sua cotação desta quinzena, frente à registrada no mês anterior.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS

Entidade de caráter técnico-científico, educativo e filantrópico, instituída em 20 de dezembro de 1944 como pessoa jurídica de direito privado, visando ao estudo dos problemas de organização racional do trabalho, especialmente nos seus aspectos administrativos e social e à conformidade de seus métodos às condições do meio brasileiro.

Sede: Praia de Botafogo, 190 — Caixa Postal: 9.052 — ZC–02
Tel.: 551-1542
CEP: 22.250 — Rio de Janeiro — RJ

Presidente: Luiz Simões Lopes
Superintendente Geral: Roberto Hermeto Corrêa da Costa

CONSELHO DIRETOR
Presidente: Luiz Simões Lopes
Vice-Presidente: Jorge Oscar de Mello Flôres
Membros: Alberto Sá Souza de Brito Pereira, Carlos Medeiros Silva, Eugenio Gudin, Francisco Oswaldo Neves Dornelles, José Joaquim de Sá Freire Alvim e Octávio Gouvêa de Bulhões

CONSELHO CURADOR
Presidente: Alberto Pires Amarante
Vice-Presidente: João Carlos Vital
Membros: Aldo Batista Franco, Alzira Vargas do Amaral Peixoto, Antônio Garcia de Miranda Neto, Antônio Ribeiro França Filho, Apolônio Jorge de Faria Salles, Celso Timponi, Cezar Reis de Cantanhede e Almeida, Estado de São Paulo, Francisco Montojos, Heitor Campello Duarte, Henrique Domingos Ribeiro Barbosa, Instituto de Resseguros do Brasil, José de Nazaré Teixeira Dias, Embaixador Manoel Pio Corrêa Jr., Moacyr Velloso Cardoso de Oliveira, Paulo de Tarso Leal, Rafael da Silva Xavier, Rubens d'Almada Horta Pôrto, Theodoro Arthou.

INSTITUTO BRASILEIRO DE ECONOMIA

COMISSÃO DIRETORA
Presidente: Octávio Gouvêa de Bulhões
Vice-Presidente: Mario Henrique Simonsen
Membros: Eugenio Gudin, Janes Angelo de Souza, Julian Magalhães Chacel e Mario Henrique Simonsen
Assessor de Direção: Jorge Kingston

DEPARTAMENTO DE ENSINO:
Diretor da Escola de Pós-Graduação em Economia: Mario Henrique Simonsen

DEPARTAMENTO DE ESTUDOS E PESQUISAS:
Diretor: Julian Magalhães Chacel

Divisão de Contabilidade Social:
Diretor: Angelo Jorge de Souza
Centro de Contas Nacionais: Ralph Miguel Zerkowski
Centro de Estudos Fiscais: Margaret Hanson Costa
Centro de Estudos Industriais: Eden Gonçalves de Oliveira

Divisão de Estatística e Econometria:
Diretor: Janes Angelo de Souza
Centro de Estudos Agrícolas: Sylvio Wanick Ribeiro
Centro de Estatística Econômica: Roberto Maia de C. Abib
Centro de Processamento de Dados — Eugênio Decourt
Centro de Estudos Monetários e de Economia Internacional — Antônio Carlos Lemgruber